

CARTA DA TERRA

Aldeia indígena deve entrar no roteiro do turismo do Estado

Questão indígena estará em debate na próxima terça-feira, pela Carta da Terra

Nelson Francisco

Nelson Francisco
Enviado Especial

Numa iniciativa inédita e sem precedentes na história do país, os índios bororo da aldeia Perigara, localizada no município de Barão de Melgaço, a 128 quilômetros de Cuiabá, poderão integrar o corredor do ecoturismo, a indústria sem chaminé, que movimentará milhões de dólares no Brasil, representando 20% do faturamento de todo o turismo no Brasil. A proposta, que está sendo discutida entre os silvícolas, Fundação Nacional do Índio (Funai) e Ministério Público Federal (MPF), é que a reserva possa ser visitada por turistas interessados em adquirir o artesanato da etnia, mel e conhecer a cultura indígena, como uma opção a mais de lazer no roteiro do corredor do turismo sem agressão ao meio ambiente, que começa (ou termina) em Foz do Iguaçu (PR), passando por Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Amazonas e Pará.

O aval das lideranças indígenas da aldeia, onde moram 82 índios, foi dado na última sexta-feira, numa reunião que contou com a presença do administrador regional da Funai, Idevar José Sardinha, e do técnico em agricultura e pecuária da autarquia, Edmilson Vargas Franco. Nos próximos dias será agendada uma nova reunião com membros do MPF, antropólogos e indigenistas para fechar a proposta.

A idéia é apresentar um projeto ao Programa de Apoio às Iniciativas Comunitárias (Padic), para obter recursos que possam ser aplicados em obras de infra-estrutura para receber os turistas e outros objetos. Nada muito sofisticado, sem agredir o meio ambiente, apenas estruturar melhor o acesso ao local de beleza ímpar cravado às margens do rio São Lourenço, em pleno Pantanal, um santuário ecológico.

O pontapé inicial para viabilizar recursos junto ao



Aldeia Bororo, às margens do rio São Lourenço

Padic já foi dado com a criação da Associação Iturakuri-reu Tadaw Boe Eno Bororo no dia 20 de julho deste ano. Literalmente, a tradução da entidade com fins jurídicos para obter recursos significa "o verdadeiro bororo do Pantanal". Agora, as lideranças indígenas, com o apoio da Funai e do MPF, vão trabalhar em cima do projeto o mais rápido possível para apresentá-lo ao Padic.

"Tudo será discutido detalhadamente com os índios. São eles que vão decidir tudo. Vamos ter antropólogo para acompanhar todo o processo", adiantou Sardinha, para quem os valores culturais e as crenças da nação bororo devem ser preservados.

"O índio hoje precisa criar alternativas econômicas para sobreviver. Ele não deve depender totalmente da Funai numa relação umbilical e paternalista. Vamos dar todo o apoio necessário em defesa de seus direitos e de suas terras, mas eles precisam produzir para viver bem sem passar necessidade", enfatizou Sardinha.